

RESENHAS

CAPITANIA D'EL-REI — Moysés Vellinho ("Coleção Província" — Editora Globo — Pôrto Alegre — 1964).

Ao longo do litoral, a primeira marcha lusitana parara pelas alturas de Laguna, em Sta. Catarina. No interior é que os bandeirantes, arremetendo contra os índios, cortavam o sertão, iam buscá-los nas margens do Paraná ou do Iguacu. Além daí, era o vazio.

Quando Portugal se separou da Espanha, no século XVII, abriram-se novas perspectivas e foi criada a Colônia do Sacramento para um acidentado e doloroso destino. As vicissitudes militares dêsse empreendimento às bôcas do Rio da Prata, determinaram o avanço dos luso-brasileiros pela margem do Atlântico, suscitando a fundação da fortaleza Jesus-Maria-e-José, à entrada da barra do Rio Grande. E as necessidades do comércio de gado que subia do sul para a feira de Sorocaba onde se abasteciam as regiões mineiras, alargaram e desenvolveram a faixa dêsse caminho, enquanto se revigorava no sertão o império jesuítico-espanhol.

Nesse quadro histórico e geográfico ia formar-se o Rio Grande do Sul. Sobre essa formação e, mais ainda, sobre a caracterização brasileira do futuro Estado e em resposta a apressadas afirmações de muita gente, inclusive gente ilustre, — escreve o Sr. Moysés Vellinho o livro **Capitania d'El-Rei**, com o sub-título de **Aspectos polêmicos da formação rio-grandense** (Coleção "Província", Editora Globo, Pôrto Alegre, 1964).

"A fisionomia histórica e social do Rio Grande do Sul, com todos os seus particularismos, se formou e desenvolveu, não à margem ou ao arrebio da elaboração nacional, mas, pelo contrário, tensa e orgânicamente subordinada ao processo de expansão geográfica e integração do Brasil em sua múltipla feição política, econômica e cultural. Foi primeiro o centripetismo lusitano, depois o luso-brasileiro e, por fim, o nacional — escalões sucessivos da mesma vocação histórica — que deram sentido e direção aos diferentes fatores da formação rio-grandense" (pág. 110).

Na demonstração da tese, o autor não só apresenta os episódios fundamentais do povoamento como também debate e critica fatos e interpretações — a exemplo do papel que teria no passado brasileiro a ação nucleadora e catequética dos Jesuitas da Província do Paraguai ("província" religiosa) ou a ação combativa do Tiaraju. O ensaio caminha no tempo e, depois da evocação da luta dos farrapos e do fenômeno castilhistas, oferece lúcidas sugestões sobre o papel de homens como Pinheiro Machado e Getúlio Vargas, em nossa existência institucional.

O último capítulo, pondo em foco uma anotação do Sr. Afonso Arinos sobre o feito clássico que teria a linguagem usada pelos escritores gaúchos modernos em confronto com os modismos regionais dos escritores nordestinos, assinala como tal fenômeno seria confirmação dessa atitude geral da gente situada em nossos extremos meridionais: "estamos situados, como tão bem observa Afonso Arinos, nas fronteiras corrutíveis do idioma, e isto parece esclarecer tudo. Em arte, como no mais, não é fácil nos explicarmos fora da posição de vigilância e disciplina que as contingências históricas dura e longamente nos impuseram. As tensões, os conflitos em cadeia que nos coube viver e enfrentar, mercê de nossa condição de fronteiros, não nos permitiram entrar em transações mais demoradas com as forças naturais. Somos, por isso, bem pouco telúricos. Desde o

comêço, fomos envolvidos e solicitados menos pelas condições físicas do meio, que pela presença ativa do próprio homem — amigo ou inimigo, — constantemente exacerbada pelas intempéries da guerra" (250-251).

Nem pode ser ignorada ou esquecida a visão que o autor oferece e justifica, da revolução farroupilha, mostrando como um sentido de brasilidade e institucionalidade dominou a atuação dos homens que proclamaram a República do Piratini, mas determinavam a obediência ao sistema jurídico das leis do Império, até que o novo regime criasse as suas leis próprias. Isso era bem o contrário do anarquismo caudilhesco — afirma o Snr. Moysés Vellinho, em admirável capítulo: "a dispersão social, a ausência de interesses econômicos em comum, a anarquia campeira, o ódio indiscriminado, os impulsos de vingança, — eis os elementos geradores do caudilho de tipo platino. É que a desordem se cansa de si mesma, e os que nela se repastam e dela vivem, tocados afinal pelo instinto de sobrevivência, engendram um chefe e a êle se entregam de corpo e alma. Esse chefe é o caudilho. Há agora uma lei: — o puro arbítrio do chefe. Nada fora dêle, nada acima dêle. Daí, a observação de que o caudilho encerra em si mesmo o princípio e o fim dos partidos políticos. Quando êle emerge do caos, já não se confia mais na eficácia das forças morais nem das instituições (Lucas Ayarragaray). Tudo vem agachar-se a seus pés, numa oferta calada e vil. Ora, isso é a negação mesma de quanto os Farrapos nos herdaram como expressão de afirmação individual, espírito de comunhão senso de liberdade, fidelidade aos princípios (pág. 218).

A indicação desses problemas estudados no livro do Snr. Moysés Vellinho e dos pontos de vista assumidos pelo autor, deixa evidente o mérito do seu ensaio que é realmente magnífico pela segurança tanto da informação quanto da compreensão e da expressão. É um livro em que transparece — em tempo de confuso aproveitamento ideológico e preconceituoso — um nacionalismo cuja lição deve ser ensinada a todos os brasileiros. O inteligente esforço de mostrar como as singularidades do viver na estremadura em face da região mais povoada por nossos convisinhos e também mais disputada, de toda a nossa faixa fronteira, terão criado um estilo de vida mas não terão tocado nos núcleos essenciais de identificação nacional, — vale como um ato de consciência. Exibe-se nesse livro um conhecimento de realidades históricas em seu justo ajuizamento sociológico, que vai de par com a beleza da expressão literária, a elegância da frase e a clareza do pensamento. — LUIZ DELGADO.

MÉTODOS Y MODELOS DE LA INVESTIGACIÓN DE OPERACIONES — A. Kaufmann — Trad. de J. A. Lanuza Escobar — (Companhia Editorial Continental S. A. — México, 570 págs).

A divulgação em castelhano do livro de Kaufmann vem favorecer com um esplêndido manual aos estudantes brasileiros interessados nos problemas de pesquisa operacional. A edição francesa, lançada pela Dunod, em 1959, esgotou-se rapidamente e apenas alguns exemplares chegaram ao Brasil e, de pronto, adquiridos pelos especialistas.

As bibliotecas das Faculdades de Ciências Econômicas são em regra paupérrimas no tocante à pesquisa operacional. E os livros sobre a matéria existentes no Recife e no Nordeste contam-se pelos dedos das mãos.

A própria bibliografia nacional é praticamente nula, à exceção de uma ou outra tese de concurso e de um ou outro artigo sumário, divulgado em revistas especializadas.

A larga aceitação do livro de Kaufmann prende-se sem dúvida ao fato do Autor ter procurado atingir o tema sem — como êle diz — "desenvolvimentos matemáticos e a miúdo inúteis".

De fato, os matemáticos andam trazendo grande perturbação à Economia ao se deliciarem com suas formalizações, esquecendo a realidade con-

creta e dinâmica. Tão perigoso é em Economia Política uma escolástica conceitual quanto uma escolástica simbólica dos matemáticos.

Tratando-se de um manual, de um repositório do que se conhece, e, portanto, com caráter marcadamente expositivo, o livro de Kaufmann não comporta "descobertas", nem revelações, como advertiu o Autor.

Todavia, no tocante à teoria dos fenomenos de espera ou teoria das "filas" o Autor não se limita a apresentar tão somente o clássico processo estocástico de Markov, lugar comum em todo manual de P. O. Desenvolve e destaca também a chamada fórmula de Erlang sobre a qual nenhum especialista americano, pelo menos do nosso conhecimento, diz palavra.

Ao lado do livro de Baumol, **Economic Theory and Operations Analysis**, o manual, agora, vertido para o castelhano, de Kaufmann completa a série dos dois mais didáticos trabalhos sobre P. O. — GLAUCIO VEIGA.

MEASUREMENT IN ECONOMICS — Studies in Mathematical Economics and Econometrics in Memory of Yehuda Grunfeld — Stanford University Press, California, 1963 — 319 págs.

Yehuda Grunfeld passou na vida como meteoro. Nascido a 11 de março de 1930 desapareceu trágicamente em 16 de julho de 1960, ou seja, exatamente aos trinta anos. Neste curto espaço de tempo projetou-se como economista e econometrista e também como soldado, lutando pela independência de Israel.

Grunfeld pouco escreveu, salvo alguns artigos para revistas especializadas. Sua grande contribuição é a tese apresentada à Universidade de Chicago, **The Determinants of Corporate Investment in the U. S.**, de 1958 e que até o ano passado aguardava publicação.

Também a sua tese para a Universidade Hebréia de Jerusalém, **Optimal Planning of the Import of Petroleum and its Refining at the Haifa, Refineries**, de 1955 polarizou aplausos, sendo o Autor recompensado com o Prêmio Koenig.

Nestes estudos em honra de Grunfeld colaboram entre outros Milton Friedman, Don Patinkin e Leo Goodman. — GLAUCIO VEIGA.

SAMUEL KARLIN — Mathematical Methods and Theory in Games, Programming, and Economics — Matrix Games, Programming and Mathematical Economics. — Addison-Wesley Publishing Company, Inc. — I e II vols.

O Autor integra a jovem equipe de economistas e matemáticos da Universidade de Stanford e teve atuação destacada no Primeiro Simpósio de Métodos Matemáticos aplicados às Ciências Sociais da Universidade de Stanford, realizado entre 15 e 24 de junho de 1959. Deste Simpósio resultou a publicação "Mathematical Methods in the Social Sciences", 1959, Stanford University Press, 1960.

Em verdade o Simpósio discutiu muito pouco sobre a matematização das ciências sociais. Limitou-se ao campo da Economia e alguns "papers" sobre psicologia.

O livro foi endereçado aos especialistas motivo por que nos limitamos a um mero registro. — GLAUCIO VEIGA.

L'ÉVALUATION ET LE RÔLE DES BESOINS DE BIENS DE CONSOMMATION DANS LES DIVERS RÉGIMES ÉCONOMIQUES — Grenoble, 11-15 september 1961 — Éditions du Centre de la Recherche Scientifique, Paris, 1963, 225 págs.

L'évaluation et le rôle des besoins de biens de consommation dans les divers

régimes économiques — Grenoble, 11-15 septembre 1961 — Editions du Centre de la Recherche Scientifique, Paris, 1963, 225 págs.

O livro apresenta e divulga as Atas do Colóquio Internacional de Ciência Econômica, organizado por R. Mossé, realizado em Grenoble.

O êxito do Colóquio foi garantido pela presença de Hicks, Robert Mossé, Maurice Allais, E. Fossati, Richard Stone e outros.

A comunicação de Hicks coloca-se em posição contrária à teoria da soberania do consumidor mas admite, com restrições, que a melhor maneira de avaliar as necessidades do consumidor ainda é o mecanismo do mercado. Destaca Hicks a necessidade da educação do consumidor, da sua orientação.

Fossati no seu "paper" realça o "direito de veto" do consumidor. Segundo êle, dúvida não há que somente podemos delimitar e mensurar as necessidades humanas apenas através das quantidades de bens e serviços adquiridos num determinado preço. Isto, evidente, dentro de um sistema não-coletivista. A produção se faz, sem dúvida, para o consumidor. Mas, êste tem um direito de veto, um direito de não comprar. Neste sentido, é que podemos dizer que um sistema de preços é um sistema de transmissão de gostos e desejos individuais.

Assume o preço a máxima importância porque êle surge como divisor entre os sistemas coletivistas e capitalistas. Num sistema coletivista, o preço será apenas um instrumento de contabilidade social, enquanto no sistema capitalista o preço mensura os desejos e a tensão do organismo econômico. Se negamos ao preço êste atributo de índice mensurador dos desejos, então, negamos a liberdade de decisão, negamos a liberdade do próprio indivíduo.

Daí Fossati insistir que o preço não será um regulador de rendas e sim, um regulador de mercado. Em resumo, num sistema coletivista procura-se o equilíbrio econômico através de um conjunto de quantidades, no regime capitalista através de um sistema de preços.

A comunicação de Fossati procura se apoiar no princípio pareteano do bem-estar, muito embora reconheça que êsse princípio apenas tem validade numa estática econômica.

Nesta comunicação, nenhuma originalidade existe da parte Fossati, pois, são idéias já expostas em seu livro "Política Econômica Racional" e na sua contribuição para o *Handwoerterbuch des Sozialwissenschaft*, 1961, artigo *Mikroökonomik und Makroökonomik*. — GLAUCIO VEIGA.

ÉMILE RIDEAU — *La Pensée du Père Teilhard Chardin*, Editions du Seuil, 1964 — 590 págs.; HENRI DE LUBAC — *La Prière du Père Teilhard de Chardin*, Librairie Arthème Fayard, 1964 — 223 págs.; MAURICE VERNET — *La Grande Illusion de Teilhard de Chardin*, Gedalge, 1964 — 223 págs.; IGNACE LEPP — *Teilhard et la Foi des Hommes*, Editions Universitaires, 1964 — 253 págs.; LOUIS BARJOS S. J. et PIERRE LEROY S. J. — *La Carrière Scientifique de Pierre Teilhard de Chardin*, Editions du Rocher, Monaco, 1964 — 140 — págs.; ALBERT THYS — *Conscience-Reflexion — Collectivisation chez Teilhard*, Editions — Universitaires, 1964 — 126 págs.; P. CHAUCHARD — *Teilhard de Chardin*, Editions du Levain, S/D — 78 págs.

THEILHARD DE CHARDIN é, talvez, a esquina por onde enveredaria numa tentativa de reformulação, a filosofia cristã.

A esta altura, a bibliografia de Teilhard cresce em maré montante. Curial, não ser aqui o espaço para debatermos o teilhardismo. Mas, não se pode negar o interesse cada vez maior das idéias dêsse jesuita inquieto e paradoxal. Sem dúvida, a popularidade de um filósofo — e mesmo de uma filosofia — não implica vitalidade das idéias professadas.

Ao contrário, até certo ponto, o delírio circunstancial em torno de teó-

ricos e de teorias carrega travo suspeito de desmerecimento e interinidade.

Algumas vezes, na História coincidiram, em convergência oportuna, situações fáticas emocionais com idéias, pelo menos, em aparência, adequadas a tais situações. O êxito doutrinário precoce na História do Pensamento, em regra, sepulta-se num esquecimento com criticismo desenvolvido pelos anos e pelas novas idéias.

Spengler, por exemplo, atropelando imagens apocalípticas e paradoxos inconcebíveis, esvaziou-se rápido, salvo na América Latina onde o verbalismo ainda se credita com largo auditório.

"Il a mis à ses pieds la société moderne" — disse um bergsoniano; mas, o sucesso social não esterilizou Bergson porque êste jamais foi pensador de um livro, a exemplo de Spengler.

Keyserling e suas variações acham-se, hoje, ignoradas, sem mínimo lampejo do brilho de outros tempos.

E se sairmos do campo estritamente filosófico, aumentaríamos a lista dos economistas e sociólogos, de êxitos efêmeros.

Não afirmamos que o teilhardismo tenha se autocondenado pelo sucesso espetacular.

A acusação feita por Pierre Smulders (apud *La Vision de Teilhard de Chardin*, p. 27) — de que Teilhard era pouco familiarizado com a metódica própria à metafísica e à teologia — nós poderíamos responder com Yves Congar: "penser une réalité nouvelle est une tâche difficile pour qui ne dispose que des catégories reçues".

Para Rideau, o método de Teilhard é uma fenomenologia dialética dramática e trágica, como a de Hegel e Marx (p. 55) porém "moins abstraite et savante que celle de Hegel e Marx..." (p. 56).

Jean Hyppolite, segundo afirma C. Cuénot, teria dito que Teilhard era mais hegeliano que êle, Hyppolite. No mesmo sentido, ao que parece Claude Souvy ao tentar uma comparação entre Hegel e Teilhard.

O p. L. Malevez não considera Teilhard um fenomenólogo, tese que Rideau procura repelir. (cfr. p. 323).

Teilhard, se fugiu à tradição foi porque, talvez, tivesse de forjar seu elenco categorial nôvo para uma realidade nova.

Daí, a aparência de contradição ou o sabor de sofisma apontado cá e lá.

Poderíamos citar aqui a categoria de "transposição" (cfr. Henri de Lubac, págs. 131-132). E outras categorias e terminologia que pareceram a alguns — entre nós, Gustavo Corção — absolutamente palavrosas.

O próprio Teilhard, perto de morrer, pressentiu dificuldades em sua terminologia e esboçou um léxico — informa Emile Rideau (p. 566). Madame Barthélemy — Medaule construiu um quadro das categorias teilhardianas na magnífica monografia, "Bergson et Teilhard de Chardin", Ed. Seuil, 1963, págs. 649-653.

Por seu turno, CLAUDE CUÉNOT preparou um "Lexique de T. de Chardin, 1963 e HUBERT CUYPPERS um "Vocabulaire Teilhard" Ed. Universitaires, 1963.

O livro de Rideau, talvez, seja dos mais completos como visão integral do teilhardismo. Depois de um rápido esboço biográfico (págs. 11-25), e considerações sobre a fenomenologia dialética de Teilhard (págs. 54-56), o Autor faz uma síntese de Cosmologia (págs. 157-279) da Antropologia (220-323), de Teologia 324-437), seguido, por fim, de um vocabulário e considerações sobre o estilo de Teilhard de Chardin.

Sem ser propriamente apologético, muito embora pleno de simpatia por Teilhard, o livro de Rideau parece-nos a melhor exposição sistemática do teilhardismo.

A sobriedade de Rideau contrasta com os derramamentos de P. de Chauchard. Para êste ensaista, Teilhard professa um "materialismo espiritualista", única abertura para uma conciliação com os marxistas (p. 9).

Talvez, aqui se projetem — neste “materialismo espiritualista” — as influências do misticismo oriental sobre Teilhard, tema objeto de um capítulo de IGNACE LEPP, no livro aqui registrado, (págs. 107-111). Os místicos orientais consideram a matéria como mera ilusão. E nesta linha o Cardeal Saliège poderia falar de “santa matéria” e neste sentido confessava-se “materialista”.

Para Paul Chauchard, a tarefa de Teilhard teria sido encontrar Deus na matéria (p. 12), procurar a significação natural do sobrenatural (p. 23).

Paul Chauchard é daqueles que perseguem um diálogo do tomismo com o marxismo. Segundo ele, poucos tomistas se dão conta de que sua filosofia foi feita para dialogar com os marxistas. Os marxistas teriam necessidade de uma metafísica de emergência (p. 48). O Autor não nos diz expressamente mas, parece julgar o tomismo esta metafísica emergente.

No livro de Chauchard alguma cousa se salva: a afirmação feliz de que Teilhard foi um S. Francisco científico (p. 27).

Chauchard, desde 1956, escreveu em periódicos, aproximadamente vinte e seis ensaios sobre a obra de Teilhard. Mas, seja como for, o seu livro é apenas um ensaio simpático sobre o teilhardismo.

Já o Dr. MAURICE VERNET, tão médico quanto Paul Chauchard, atua *com cautela* ao examinar a obra de Teilhard, muito embora seja um bergsoniano confesso.

A temática de “espiritualização da matéria” ou do “materialismo espiritualista” aos olhos de Maurice Vernet é uma contradição (págs. 31-32). *En passant*, assinale-se, aqui, que Chardin (apud “Le Phénomène Humain”) afirma que a matéria tem História, repetindo literalmente Marx, o Moço: “die Geschichte selbst ist ein wirklicher Teil der Naturgeschichte, des werdens der Natur zum Menschen... Die gesellschaftliche Wirklichkeit der Natur und die menschliche Natur Wissenschaft oder, die naturliche Wissenschaft von Menschen sind identische Ausdrücke”.

O próprio Teilhard não nos parece muito claro nas relações Espírito-Matéria. (veja-se a observação de Rideau, na nota 63, p. 201).

Maurice Vernet, concentrando-se especialmente na zoologia, faz sérias restrições ao teilhardismo, considerando que o notável jesuita “forçou as aparências” (p. 204).

Vernet transcreve uma carta de Teilhard bem significativa: “J’ai l’impression de tourner, sans y pénétrer, autour d’un immense problème... Il faut forcer et dépasser les apparences; jamais peut-être leur voile me m’est apparu de vantage comme “sans couture”.

O texto completo, em vernáculo é este: “Como diz o lema de Kim, sinto cada vez mais que o mundo “é algo terrível”. Ao lama, impressionava-o a civilização. A mim, ao contrário, impressiona-me a massa de potências humanas indisciplinadas. Além disso, também percebo que, *em si mesma*, a exploração da terra não traz luz alguma, nem facilita a saída para os problemas mais fundamentais da vida. Tenho a impressão de estar dando voltas em torno de um imenso problema, sem conseguir penetrá-lo. E sei igualmente que, quanto mais se agiganta diante de mim este problema, sua solução não pode achar-se senão em uma “fé”, transcendente a toda a experiência. Temos de violentar e superar as aparências; talvez, sua túnica nunca me pareceu tão “inconsutil” (grifo de Teilhard) (Lettres de Voyage — 1923-1955, p. 31).

Albert Thys, sem a formação científica de Vernet, aceita tranquilamente o “transformismo” de consciência, dentro das coordenadas do teilhardismo (págs. 15-22). No mais, parece-nos livro medíocre, sem chegar a ser uma medíocre divulgação.

O pe. Henri de Lubac foi um dos íntimos de Teilhard de Chardin e seu livro não tem nenhum interesse filosófico. O Autor coloca problemas apenas, teológicos.

Barjon e Leroy fazem um levantamento da atividade científica do Pe.

Chardin, precisamente, de sua permanência na China e juntam completa bibliografia de Teilhard em geologia, paleontologia e antropologia.

Por fim, não poderíamos encerrar esta ligeira nota sem uma referência ao problema Bergson-Teilhard. Sobre os acórdos e as dissonâncias entre os dois o livro da Sra. Barthélemy-Madaule parece definitivo. Mas, não resta dúvida que, quando lemos Teilhard pressentimos o fantasma de Bergson. Da mesma maneira que o fantasma de Dilthey pousa sobre os textos de Ortega ou Maine de Birau pousando sobre Bergson. Ou Hegel sobre Marx. Ou, ainda, Dilthey sobre Heidegger.

Teilhard é um Bergson de batina que recusando captar a realidade através da intuição do “eu profundo” (Cfr. Essai sur les données immédiates de la Conscience) ou da intuição do movimento profundo da realidade objetiva (cfr. “L’Evolution Créatrice”) apela para uma intuição **existencial** através de um itinerário dialético ou, se quiserem, de uma “intuição sociológica”, se assim podemos nos expressar.

Henri de Lubac percebeu essa “violentação”: “Il force pour ainsi dire l’ordre de la science et de la technique à se dépasser, en faisant accéder l’homme à un ordre supérieur, celui de la conscience refelchie et de la liberté, qui lui même “oblige à preneche position” sur la religion... (p. 110).

Essa tendência para o “forcejo” levou Teilhard a manter constantes atritos com a Ordem. E esta vingava-se, exilando-o para a China, enquanto todos cercavam de apoio a Teilhard. Mas, nunca pensou Teilhard em se desvincular da Ordem. Escreveu numa carta: “Je croirais trahir le “Monde”, en m’évadant de la place qui m’a été-assignée... Soyez donc sur que l’idée d’une démarche pour quitter l’Ordre ne m’a jamais traversé l’esprit... La Compagnie... (est) mon point d’insertion et d’action dans l’Univers”.

O teilhardismo continua questão aberta. Teria sido Teilhard, realmente, um cientista ou apenas um padre com imensa boa vontade?

Seja como for, o debate está aberto e ainda é cêdo para julgarmos o teilhardismo. — GLAUCIO VEIGA.

MARIALICE M. FORACCHI — O estudante e a transformação da sociedade Brasileira, 313 págs. — Trabalho apresentado originariamente como tese de doutoramento à Universidade de São Paulo e agora publicado pela Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1965.

O trabalho da doutora Marialice M. Foracchi, de São Paulo, constitui em assuntos sociais no Brasil, uma revelação auspiciosa: a revelação da capacidade universitária brasileira para o esforço sistemático de análise.

Há, com efeito, ao longo do trabalho da socióloga paulista, uma dimensão analítica incomum no Brasil. Trata-se de estudiosa que, sem se limitar a expor teses ou assuntos do pensamento estrangeiro, procura antes sobre problemas eminentemente nossos, desenvolver todo um esforço de interpretação pessoal.

O livro mostra uma inteligência já no nível de assimilação de amplo material científico para, com base nêle, desenvolver toda uma sistemática de implicações. Trata-se, mesmo, de uma autora já capacitada a tomar um assunto brasileiro, como o do estudante paulista por exemplo, e com fundamento nas pesquisas e nos estudos que empreendeu, elaborar toda uma complexa tessitura de análises e interpretações.

Por outro lado, o próprio grau de desenvolvimento analítico da autora, permite que seus estudos não se cinjam como é rotineiro entre nós, a consideração pura e simples de certos ângulos, sem o jôgo imprescindível e simultâneo de variadas considerações.

É precisamente essa capacidade de lidar ao mesmo tempo com inúmeros pontos de um mesmo problema, passado pelo crivo de uma coordenação sistemática, que constitui aquilo que consideramos uma forma-

ção analítica. Na verdade, o estudioso analítico, tem necessariamente de possuir a faculdade de abranger de modo simultâneo vários aspectos de um mesmo assunto e de desdobrá-los de tal modo que, nas implicações subsequentes, ao mesmo tempo que são reveladas novas perspectivas, estas por sua vez são confrontadas simultaneamente uma com as outras que vão surgindo, e assim por diante.

Quer dizer, o trabalho analítico é dinâmico e revelador. Eleva-se por cima do óbvio e alcança graus de inteligência que os trabalhos comuns nem sequer suspeitam.

Além disso, há dois graus essenciais na hierarquia analítica: o primeiro, é a mera tentativa de tratamento interpretativo e homogêneo de determinados assuntos. Aqui, cuida-se apenas de esboçar certos temas, digamos brasileiros, numa discussão extremamente pobre em ângulos diversos de observação e implicações subsequentes. Toca-se em certas coisas, é verdade, mas o raciocínio não possui a faculdade de lidar com diversas perspectivas do mesmo assunto simultaneamente e de desdobrá-las em seguida no mundo múltiplo de suas respectivas implicações.

O segundo grau, é justamente essa faculdade complexa de visualizar os ângulos mais variados de um problema, desdobrando-o na tessitura indefinida de seus corolários.

A Dra. Foracchi possui vários traços dessas qualidades formais da inteligência. Sabe jogar com perspectivas diversas e desdobrá-las, indicando em certo sentido, a assimilação de um artesanato científico, pelo menos formal, já amadurecido.

Por outro lado, aborda a autora paulista, uma série de temas bem interessantes, inclusive o da contradição entre o esquema mental que o estudante antes de entrar na Faculdade, faz do curso, e o próprio curso, com suas conseqüências. Mostra as restrições provocadas no projeto de vida profissional, pelas limitações de classe, por exemplo, e suas implicações.

A ênfase que dá inicialmente ao problema da dependência familiar, estudando a possível influência da família como categoria social — que não esquece de assinalar — merece todavia, algumas ressalvas. Aqui, a autora paulista tentando analisar o estudante brasileiro em traços fundamentais, como na escolha do curso, nas atitudes inclusive políticas, nos planos posteriores de carreira profissional etc., se estriba basicamente num ponto que hoje sofre alterações profundas: o da influência como por assim dizer imperialística da família nas atitudes do jovem e posteriormente nas do estudante.

Acontece que numa sociedade industrial e urbano-burguesa como sobretudo a sociedade paulista ou carioca de hoje entre outras, por exemplo, a família passa por uma mudança enorme. As relações familiares, que na sociedade patriarcal e rural, eram relações bem tensas, de vínculos bem aproximados, com oportunidades materiais e espirituais de contacto quase permanentes, e por isso mesmo com possibilidade de influência assim decisiva do complexo familiar sobre o jovem, agora se alteia de modo básico. Tal sociedade com o seu corre-corre, com a sua luta dramática pela subsistência, com as grandes distâncias entre a residência e os locais de trabalho; com o lufa-lufa da preocupação central de ganhar a vida; com as refeições feitas frequentemente fora de casa; com a estafa, as tensões emocionais e psíquicas, os encontros muitas vezes furtivos dos membros da família no apartamento acanhado das classes médias, manipulando experiências as mais das vezes grandemente diversificadas, repetimos, a família atual, não é centro evidente de irradiação da antiga influência.

Não é que a família tenha desaparecido ou não influa. É que sua textura e sua influência estão passando essencialmente nas sociedades urbano-burguesas como a de São Paulo, de hoje, por uma transformação revolucionária que não se ajusta a certos esquemas metodológicos feitos

em moldes a não levar em conta de uma maneira mais incisiva, esta mudança.

Por outro lado, algumas das características de vida do próprio estudante, certas aspirações suas, as conseqüências de possível independência provocada pelo casamento, deveriam ser analisadas dentro de categorias sociológicas mais amplas: como expressão por exemplo, de um dado estilo de mentalidade burguesa correspondente às transformações econômico-sociais de hoje em São Paulo, projetadas em tendências psíquicas ou sócio-culturais, cujas raízes profundas teriam de ser analisadas.

Todavia, o livro contém muitos pontos interessantes, chegando a surpreender mesmo em face de outros trabalhos brasileiros, representando além disso, por um certo nível analítico, que já possui, um exercício formal de aspectos da própria capacidade de análise.

Trata-se de livro, o da doutora Marialice M. Foracchi, por isso mesmo em grande parte válido, feitas as ressalvas já mencionadas, o que torna seu trabalho imprescindível para a compreensão de importantes assuntos do Brasil atual. — PESSOA DE MORAIS.